

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
AVA GARDNER, CYD CHARISSE, JUDY GARLAND – FATAL JUSTEZA
21 de fevereiro de 2022

A CHILD IS WAITING / 1962

um filme de John Cassavetes

Realização: John Cassavetes / **Argumento:** Abby Mann, a partir de uma história da sua autoria / **Direcção de Fotografia:** Joseph LaShelle / **Direcção Artística:** Rudolph Sternad / **Música:** Ernst Gold / **Som:** James L. Speak / **Montagem:** Gene Fowler Jr. / **Assistente de Realização:** Lindsley Parsons Jr. / **Interpretação:** Burt Lancaster (Dr. Matthew Clark), Judy Garland (Jean Hansen), Gena Rowlands (Sophie Widdicombe), Steven Hill (Ted Widdicombe), Bruce Ritchey (Reuben Widdicombe), Gloria McGehee (Mattie), Paul Stewart (Goodman), Lawrence Tierney (Douglas Benham), Elizabeth Wilson (Miss Fogarty), Barbara Pepper (Miss Brown), John Marley (Holland), June Walker (Mrs. McDonald), Mário Gallo (Dr. Lombardi), Frederick Draper (Dr. Sack).

Produção: Larcas Productions / **Produtor:** Stanley Kramer / **Produtor Associado:** Philip Langner / **Director de Produção:** Nate Edwards / **Distribuição:** United Artists / **Cópia:** em 16mm, preto e branco, legendada electronicamente em português / **Duração:** 104 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Depois de ter chamado a atenção sobre os seus dotes de realizador com **Shadows**, Cassavetes viu abrirem-se-lhe as portas de Hollywood, já não apenas como actor mas convidando-o a dirigir os seus próprios filmes. A experiência não lhe correria bem, menos pelos resultado final dos filmes que dirigiu nesse período do que pela perda de independência e liberdade que a sua tentativa de integração no sistema acarretou. Só em 1968, com **Faces**, pôde Cassavetes voltar a filmar em condições de que agora estava certo serem as ideais para o seu método e as suas intenções. Durante os dez anos que medeiam esses dois filmes, Cassavetes teve apenas oportunidade de rodar o belíssimo, apesar de todas as vicissitudes, **Too Late Blues**, em 1961, e este **A Child is Waiting**, no ano seguinte.

O filme que agora veremos representou para o realizador a gota de água que fez transbordar o copo e colocar um ponto final na sua tentativa de trabalhar no interior do sistema. De tal forma ficou desagradado que chegou mesmo a renegar este filme, considerando que Stanley Kramer, o produtor, lhe tinha adulterado a estrutura e as ideias, e que, por exemplo, a montagem tinha sido efectuada completamente à sua revelia, não correspondendo em nada às intenções de Cassavetes. Stanley Kramer, produtor e realizador com especial predilecção pelos "grandes temas" e pelas "grandes questões sociais", é ainda hoje considerado por muita gente, em consonância com as palavras de Cassavetes, como o verdadeiro autor de **A Child is Waiting**, sem que isso represente um elogio. Kramer, afecto como era aos filmes "com mensagem" (ou não fosse, como muitos dizem, um "típico liberal intelectual dos anos cinquenta") foi o responsável, enquanto realizador, por filmes tão retoricamente carregados como **The Defiant Ones**, **Judgement at Nuremberg** ou **Guess Who's Coming to Dinner**,

onde o peso demonstrativo sufocava à partida qualquer ideia de cinema propriamente dita. E se **A Child is Waiting** nos surge hoje com um interesse que transcende em muito a mera denúncia de situações sociais extremas, isso acontece porque ao seu leme esteve uma personalidade como a de John Cassavetes, cujos traços Stanley Kramer não conseguiu, felizmente, suprimir a cem por cento.

Pelo contrário, um dos principais motivos de interesse do filme reside precisamente na linha de tensão que marca a fronteira das intenções de Cassavetes e de Kramer. Ou seja, o ponto a partir do qual cada um puxa para o seu lado. E em contraposição com a tendência social e de contornos colectivos que é obviamente a de Kramer, nota-se sobretudo a atenção ao drama individual que só pode vir de Cassavetes, cineasta muito mais psicológico do que sociológico. Nenhuma das personagens é reduzida a um "tipo" esquemático, como um desenho cujo recorte se preocupasse mais com a dimensão social propiciaria. E esta característica é tão válida para a personagem de Burt Lancaster (o director do instituto para deficientes mentais onde todo o filme se passa) como para a de Judy Garland ou para as dos pais (Gena Rowlands e Steven Hill) do miúdo à volta do qual a narrativa se centra. Através dos planos longos tão típicos do cineasta somos levados para essa dimensão individual, como se essa continuidade temporal fosse a condição necessária para fazer emergir uma verdade sobre cada personagem. A partir daí, o que é mais importante em cada personagem não é aquilo que diz ou aquilo que faz, mas a maneira, como o diz ou faz, os gestos, as hesitações, as modulações vocais, etc. Ou seja, tudo aquilo que de facto permite construir uma personagem no *momento* em que se filma. Por exemplo, na cena em que Burt Lancaster entrevista Judy Garland é muito menos importante, em termos puramente cinematográficos, o teor da conversa entre ambos do que todos esses elementos aparentemente marginais mas essenciais para a caracterização profunda das personagens. Veja-se ainda o "flash-back" em que Steven Hill e Gena Rowlands se apercebem da deficiência do filho: não é pelo que dizem que comovem, Cassavetes não precisa de os fazer falar para nos revelar a sua personalidade. Pelo contrário, isso acontecerá sobretudo pelo que calam, pelos silêncios, pela gestualidade, pelas expressões do olhar, pela tensão emocional que assim se instala. Aquilo que nos habituámos a admirar em Cassavetes, essa capacidade de fazer nascer o drama através do trabalho sobre o corpo dos actores, de os fazer revelar muito mais do que aquilo que dizem, está toda em **A Child is Waiting**. E é por isso que o filme vale (muito) a pena.

Luís Miguel Oliveira